

Universidade Federal do Paraná
Núcleo de Educação a Distância
Curso de Especialização para Professores em EAD

Um Estudo Sobre o Memorial em Educação a Distância

Márcia Regina Pires

Trabalho de final apresentada ao Curso de
Especialização para Professores em Educação
a Distância da Universidade Federal do Paraná
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista como Professor em Educação a
Distância

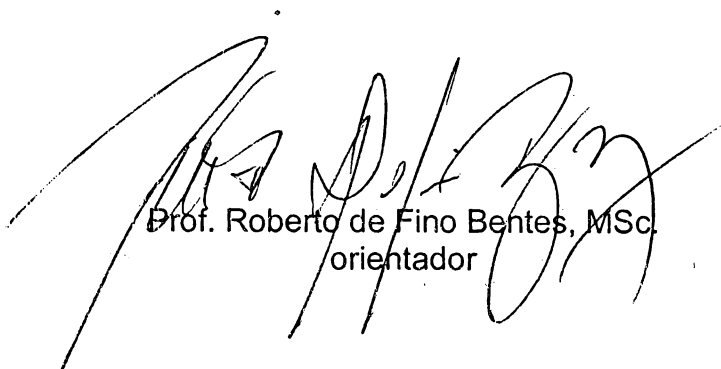
Uberaba
2002

Márcia Regina Pires

Um Estudo Sobre o Memorial em Educação a Distância

Esta monografia foi orientada e aprovada para obtenção do título de Professor Especialista em Educação a Distância no Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Uberaba, junho de 2002.



Prof. Roberto de Fino Bentes, MSc.
orientador

SUMÁRIO

I - Uma Nota sobre Educação.....	04
II - A Importância do Estudo do Memorial.....	07
III - O Uso do Memorial no Processo de Ensino Aprendizagem.....	10
IV - Análise de Memoriais.....	15
V - A escrita do Memorial.....	25
VI - A aplicabilidade do memorial na Educação a Distância.....	32
VII - Conclusão.....	38
VIII - Bibliografia.....	39

I. UMA NOTA SOBRE EDUCAÇÃO

No final do milênio passado, a acelerada evolução cibernética contribuiu significativamente para a mudança de comportamentos. A internet possibilitou a comunicação on line e ao mesmo tempo, expandiu as informações, num universo muito maior. Nossas relações assumiram uma configuração diferente; adquiriu outras dimensões, rompeu barreiras físicas e ampliou-se além do bairro, da cidade, do estado, do país. Nossos amigos, colegas de trabalho, e até, professores e alunos já não são mais nossos vizinhos de bairro, ou de país, podem ter nacionalidades distintas, culturas diversas; maneiras bem diferentes de ser. Podemos trocar experiências, em tempo real, com povos que jamais sonhávamos conhecer; nossas janelas se abriram para horizontes muito além de nosso continente.

Estamos vivendo o século da Informação, as crianças e os adolescentes participam ativamente dessa nova maneira de conceber o mundo e as relações, já se acostumaram com os atrativos recursos das mídias eletrônicas que, aos seus olhos, são irresistíveis.

A humanidade mudou, novos paradigmas foram criados, o inusitado acontece diante de nossos olhos a todo momento, entretanto, apesar de tanta tecnologia, a Escola ainda não se adequou a nova realidade, está em processo de transformação. Talvez o grande desafio da Escola, nesse novo milênio, seja o de transformar a Educação em algo tão atrativo e irresistível quanto às mídias eletrônicas têm sido, só assim, ela poderá despertar nos jovens o interesse e a participação pelo processo educacional.

A Educação, apesar de muitas vezes ser considerada obsoleta, é importantíssima no processo social de formação humana, conforme afirma Jacques Delors, no prefácio do livro Educação um Tesouro a Descobrir – Relatório para UNESCO:

Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. (...) Não como

um 'remédio milagroso', não como um 'abre-te-sésamo' de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...

Nessa perspectiva, devemos entender o valor fundamental da Educação e refletir sobre a responsabilidade daqueles que atuam direta ou indiretamente no processo. Não se educa sozinho, a educação envolve várias pessoas, entre elas, e, sobretudo, o educando; vários contextos, experiências diversas.

Há toda uma política educacional envolvida, muitas vezes, comprometida com a ideologia dominante, com os "senhores do poder", por isso, enquanto educadores, devemos sempre nos perguntar "Quem está por traz, do processo?", "Estou educando quem? Para quem ? ou para quê?", "Minha participação no processo está sendo consciente como deve ser, ou apenas estou me submetendo às ordens de um grupo?"

É preciso conceber a Educação em toda sua amplitude, entendê-la como um ato de intervenção no mundo, como explica Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*

(...) a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. É preciso deixar claro que o conceito intervenção não está sendo usado com nenhuma restrição semântica. Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto a que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta. (FREIRE, 1998)

Não podemos afirmar que a Educação tem sido plenamente democrática e libertadora, porque a realidade nunca irá contemplar completamente o ideal, mas a busca desse ideal, e a aproximação dele, já justifica o fazer educacional.

O profissional da modalidade de Educação a Distância, enquanto educador, não pode estar alheio ao contexto Educacional, deve entender-se integrante e parte importante do processo; enxergar além da sala de aula, além da disciplina

específica, visualizar o global, de maneira integrada, idealizando uma educação que seja realmente interessante e transformadora, capaz de subsidiar a prática do educando, na sua maneira de perceber e agir com e sobre o mundo.

II. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO MEMORIAL

Em nossa sociedade, durante o processo educacional, muitas vezes, a leitura e a escrita foram colocadas num segundo plano, sendo trabalhadas de forma superficial, sem assumir a verdadeira dimensão social que deveria ocupar. Os alunos, em grande parte, passaram pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio, sem se formarem enquanto leitores e escritores proficientes.

Entretanto, algumas instituições de ensino começam a ver na leitura e escrita grandes aliadas na construção do conhecimento. A escrita do memorial tem sido amplamente aceita como metodologia de aprendizagem por instituições de ensino de graduação e pós-graduação, exigindo de seus educandos a apresentação deste texto, como trabalho de final de curso.

Formados numa escola que não priorizou tais habilidades, professores dos diferentes níveis de ensino, deparam-se com a difícil tarefa de ensinar a elaborar o memorial, encontrando-se inseguros, para mediar essa aprendizagem. Neste cenário, são naturais a dúvida, as expectativas e principalmente, a reflexão que, torna saudável o processo de desconstrução e reconstrução do fazer pedagógico. Entretanto, para que esse momento seja de evolução é imprescindível que o professor se inclua, atuando significativamente, para tanto, faz-se necessário seu estudo permanente.

O estudo do Memorial, por parte dos professores, surge de sua necessidade emergente, de mediar a aprendizagem dos alunos, tendo como metodologia a escrita dessa tipologia textual. Essa modalidade de texto, por ser uma inovação no processo de ensino-aprendizagem, apresenta-se como um desafio para os educadores, que em grande parte, possuem sérias dificuldades de escrita. Torna-se, ainda, mais sofrível o processo de aprendizagem, ensino e acompanhamento do memorial, quando o próprio professor, além de não saber escrevê-lo, não entende e não considera a importância de sua elaboração pelo aluno.

Nesse sentido, o presente estudo vem analisar a importância do uso desse tipo de texto na aprendizagem, a metodologia para sua escrita - seu valor híbrido enquanto texto científico e literário e, por último, levantar hipóteses sobre os objetivos e conseqüências de sua aplicabilidade na educação a distância.

Refletir sobre a importância do memorial, como metodologia de aprendizagem, possibilita ao educador conceber os passos de raciocínio mental que, o aluno, necessariamente, deve dar na construção do conhecimento e, conseqüentemente, no relato constituído pela descrição, narração e conceitualização, realizado na feitura do texto.

Compreender a metodologia da escrita do memorial é fundamental para o professor, pois será ele o mediador de sua elaboração. O professor precisa estar seguro dos procedimentos básicos para a construção do texto, podendo assim, orientar seu aluno a fim de lhe possibilitar uma escrita clara, coesa e coerente.

O valor do memorial, enquanto texto híbrido, também, deve ser objeto de análise e discussão. Faz-se necessário ao professor, examinar o memorial, como texto científico e literário, essa análise fomentará a reflexão do professor e do aluno, de modo que possam encontrar, por seus próprios caminhos, como dosarem seu texto, usando da objetividade necessária para a investigação da cena vivida e da subjetividade, indispensável para quem quer reconstituir a lembrança de sua relação com o mundo, daquilo que viveu e como significou. A dosagem referida garante a originalidade e o estilo do escritor.

Levantar hipóteses sobre os objetivos e conseqüências da aplicabilidade do memorial, possibilita ao professor comparar, contrastar e, finalmente, distinguir em quais situações de aprendizagem, efetivamente, o memorial poderá ser útil. Nessa perspectiva, focaremos nosso estudo, ressaltando a aplicabilidade do memorial na modalidade da educação a distância.

Por estes fatores, este ensaio se justifica enquanto exercício de reflexão e ressignificação da prática docente. Cremos que este estudo levará o professor a apreciar a prática do memorial, tendo maior fundamentação na avaliação de sua aplicabilidade, maior segurança na composição textual, e, por isso, maior presteza em suas orientações.

Acreditamos estar indo de encontro a uma necessidade do professor, sobretudo do educador da modalidade da educação a distância, uma vez que, para este é, ainda mais, imprescindível o uso da linguagem escrita, bem como a articulação das habilidades como análise e interpretação.

III. O USO DO MEMORIAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Investigar o uso do memorial no processo de ensino-aprendizagem não é tarefa fácil, uma vez que, somos alguns dos pioneiros deste estudo.

Em muito, valeremos do nosso poder de observação e de interpretação e, apesar de ser um trabalho científico, recorreremos, algumas vezes, à nossa subjetividade, com a finalidade de lembrar nossos passos dados em direção à construção do conhecimento que somente é feita através do ser inteiro que somos: razão/emoção, objetividade/subjetividade. Ao comentar a relação do homem como observador de si mesmo, do mundo animado e inanimado, atribuindo-lhe a condição fundamental da vida e do seu contrário, Paulo Freire afirma:

Somos os únicos seres capazes de poder ser objetos e sujeitos das relações que travamos com os outros e com a História que fazemos e nos faz e refaz. Entre nós e o mundo as relações podem ser criticamente percebidas, ingenuamente percebidas ou magicamente percebidas, mas, entre nós não há uma consciência destas relações a um nível como não há entre nenhum outro ser vivo com o mundo. (FREIRE, 1997)

Freire ressalta que podemos ser, simultaneamente, objetos e sujeitos. O homem enquanto ser capaz de estudar seu próprio eu, seu comportamento, suas atitudes, de realizar uma auto-análise contextualizando as relações estabelecidas, bem como as justificativas de suas atitudes e comportamentos, transforma-se em seu próprio objeto de estudo. Coadjuvante a auto-análise, o homem, enquanto sujeito, tem o poder da mudança, de adequar-se a situações diferentes, ou de transformá-las adequando-as à sua conveniência. Assim, são agentes da história, capazes de transformarem a si próprios, transformando sua prática, sua maneira de ser, pensar e agir. Sujeitos de escolha, cuja autonomia lhe é preservada, a fim de garantir seu poder de análise e realização, evitando a alienação, a vulgarização do homem – objeto. Entretanto, essa observação do mundo e das relações que estabelece com ele, parte, necessariamente, de seu “olhar”, dos conhecimentos prévios que traz, da cultura a qual pertence e de seu poder de observação.

O memorial constitui-se num exercício de observação, reflexão e escrita em que o escritor, partindo do presente, remete-se ao passado, relembando a cena vivida, trazendo de sua memória os momentos mais significativos e remontando, através do raciocínio lógico, as passagens mais importantes de sua formação. A linguagem ocupa uma posição fundamental neste processo, como explica Freire:

É preciso não esquecer que há um movimento dinâmico entre pensamento, linguagem e realidade do qual, se bem assumido, resulta uma crescente capacidade criadora de tal modo que, quanto mais vivemos integralmente esse movimento tanto mais nos tornamos sujeitos críticos do processo de conhecer, de ensinar, de aprender, de ler, de escrever, de estudar.
(FREIRE, 2001).

Por distanciar-se do momento do acontecimento, o memorial permite uma melhor observação da cena vivida, pois os conhecimentos adquiridos encontram-se acomodados e a carga emocional originada da situação, encontra-se mais amena, atenuada pela ação do tempo. A distância do tempo em que aconteceu a situação entre a distância do momento em que está sendo escrito o memorial, permite que o autor escreva apenas sobre os momentos significativos, permitindo um resumo seletivo daquilo que realmente foi importante; permite também, que o autor possa estabelecer um paralelo entre as atitudes e conseqüências provindas do momento relatado, norteando a evolução dos sentimentos e conhecimentos no processo.

Outro fator inerente a construção do memorial é a necessidade de, obrigatoriamente, o autor conceitualizar as emoções e ações vivenciadas, ou seja, torna-se imprescindível para o escritor, elaborar tais sentimentos e ações, uma vez que é necessário, primeiramente, concebê-las, para depois, serem contadas. Para Roseli A Cação Fontana, a elaboração conceitual como prática social depende da cultura e experiência vivida pelo escritor:

Nessa perspectiva, a elaboração conceitual é considerada como um modo culturalmente desenvolvido de os indivíduos refletirem cognitivamente suas experiências, resultante de um processo de análise (abstração) e de síntese (generalização)

dos dados sensoriais, que é mediado pela palavra e nela materializado. (FONTANA, 1993)

A conceitualização é importante devido ao fato de forçar uma definição mais elaborada do momento vivido. Ao conceitualizar, o indivíduo analisa a cena vivida, lança hipóteses sobre o que sentiu e entendeu, e escolhe, entre essas hipóteses, qual a expressão que melhor define o sentimento ou o conhecimento construído. Quando um conceito é escrito num texto, ele obrigatoriamente deve articular a outros conceitos, para manter a coesão e coerência do texto em questão, assim o escritor, naturalmente, passa por um processo de seleção e adequação, que lhe é facilitado pelo contexto.

A leitura desses conceitos articulados no texto, feita pelo próprio escritor, remete a outros pensamentos que passam pelo mesmo processo de seleção e finalmente são incorporados, enriquecendo a obra.

Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson, chama tais pensamentos de insights:

Expressar as idéias verbalmente é um importante exercício metacognitivo, pois com freqüência é escutando-nos falar ou lendo o que escrevemos que conseguimos insights sobre o que realmente pensamos e sabemos. (CAMPBELL, CAMPBELL e DICKINSON, 2000)

Outro fator importante que deve ser considerado é o leitor da obra que está sendo escrita. Se de um lado o escritor, através da escrita, organiza internamente seus pensamentos e sentimentos, construindo-os simultaneamente, por outro lado, o texto escrito tem um leitor potencial, que em parte, condiciona a arbitrariedade do escritor na escolha das palavras e temas, do que realmente quer ou não revelar. Fontana analisando a dinâmica sócio-ideológica da conceitualização, em especial do discurso, parte do "princípio dialógico" de Bakhtin e explica:

Os sentidos elaborados são, então, em parte "nossos" e em parte do "outro". Eles são o efeito da interação entre os interlocutores. Neles, ecoam, confrontam-se vozes a que a

enunciação concreta responde, antecipa ou ignora. Vozes que representam perspectivas ideológicas socialmente definidas.

E ainda:

Nesse movimento polifônico, valores sociais de orientação contraditória entram em discussão, aproximando-se ou confrontando-se, na própria palavra. Sentidos estáveis, consolidados, e sentidos emergentes circulam nas enunciações, num jogo permanente entre forças de estabilização e controle com forças de dispersão e ruptura, evidenciando o caráter sócio-histórico da dominância de alguns sentidos sobre os outros. A dominância ou não dos sentidos historicamente possíveis é produzida nas condições concretas de enunciação. O lugar social ocupado por aquele que apreende e elabora a palavra do outro é constitutivo dos sentidos elaborados, bem como da sua aceitabilidade ou não. (FONTANA, 1993)

O escritor, inconscientemente, condiciona-se ao contexto cultural em que está inserido, à sua história de vida, às experiências retóricas e de aceitação, vivenciadas. Estabelece um raciocínio de escolha tão complexo, que leva em conta valores, sentimentos, pontos de vistas, desejo de aceitação e conquista que são amplamente confrontados na dinâmica do fluxo mental e resignificados.

Ao definir texto, Márcia Elizabete Bortoni explica:

O texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função SOCIOCOMUNICATIVA. São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo tais como: as intenções do produtor do texto INTENCIONALIDADE, o contexto sociocultural em que se insere o discurso, na medida que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores SITUCIONALIDADE. A expectativa do recebedor de que o texto seja coerente e relevante ACEITABILIDADE. Outro fator de textualidade diz respeito à medida pela qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, o que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outros INTEXTUALIDADE. A Segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma UNIDADE SEMÂNTICA. Uma ocorrência lingüística para ser texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo, Ter COERÊNCIA. A terceira propriedade do texto é sua UNIDADE FORMAL. Seus constituintes lingüísticos

devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja um todo COESO.

Assim, o escritor deve ter toda uma preocupação do uso adequado das palavras, da fundamentação de que devem conter, da coerência, da responsabilidade de seu uso, do seu emprego claro e, ao mesmo tempo, estético. Conquistando o leitor, pela importância e consistência das questões abordadas no texto e também pela sua originalidade, pela harmonia que as palavras estabelecem, entre cognição e beleza.

A escrita do memorial resulta na construção do conhecimento, uma vez que leva o educando a um processo reflexivo de elaboração e reelaboração de conceitos, testados e fundamentados, sob seu olhar pessoal, na articulação entre teoria e experiência.

IV. ANÁLISE DE MEMORIAIS

Entendendo que desenvolver a competência de uma escrita proficiente pressupõe uma leitura proficiente e observando que a falta do hábito de ler, no Brasil, predomina desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, prevalecendo no Ensino Médio e Superior, facilita-nos entender porque escrever se torna tão difícil, para nosso educandos.

Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson, explicam sobre a importância da leitura/ literatura no desenvolvimento de diversas habilidades, entre elas, a escrita:

A Literatura proporciona a base para praticar e desenvolver todo espectro da inteligência verbal-lingüística. Histórias, romances, biografias, ensaios, peças e poemas proporcionam o ponto de partida para desenvolver habilidades de escuta ativa, projetos de fala e escrita criativa ou analítica. Esses materiais fornecem alimento para o pensamento, pois exemplificam o uso efetivo da linguagem e estimulam o desenvolvimento intelectual. (CAMPBELL, CAMPBELL e DICKINSON, 2000)

Neste cenário, o professor deve ocupar um papel essencial, comprometendo-se em mediar as leituras feitas pelo educando. Numa concepção interdisciplinar, entendemos que essa mediação não deve ser feita apenas pelo professor de português, mas por todos os educadores, uma vez que, é no seu uso, que o educando entra em contato com todas as esferas do conhecimento. O Parâmetro Curricular Nacional - PCN da Língua Portuguesa explica sobre a mediação do professor:

(...)cumprir o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas da linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos pelo grupo - intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições - articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e lingüísticos.

O prazer de ler e escrever e a descoberta de sua importância na vida, pelo educando, depende em grande parte pela mediação entre texto - educando, realizada pelo professor. Segundo BORTONE (2001) e RIBEIRO (2001)

O professor não somente ensinaria o aluno a ler (decodificar) o que o autor disse, mas estaria muito mais voltado para as estratégias que propiciassem ao aluno a habilidade de ler o que o autor quis dizer. Ajudar o aluno a desvendar o mundo por meio da leitura é proporcionar o desenvolvimento de sua capacidade metocognitiva, o que torná-lo-ia, além de alfabetizado, letrado. Para desencadear esse processo, é mister que a leitura seja para o aluno um processo coerente. A coerência resulta de uma conexão conceitual cognitiva entre os elementos do texto e seu receptor, ou seja, entre a escolha lingüística e a intenção do autor que será facilmente compreendida à medida em que se compreende como se dá o processo de formatação do pensamento na língua e esta correlação só será possível se o ensino da gramática estiver voltado para este objetivo. (Bortone e Ribeiro, 2001, p.65-67)

A forma didática em que é feita essa mediação é que irá possibilitar ou não a leitura do aluno, ou seja, a compreensão da relação mantida entre os recursos lingüísticos e a geração de significados, bem como a sensação de desvendamento que ela proporciona. Segundo Telma Weis,

(...) a função do professor é criar as condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam isso. As ações, nesse caso, não implicam necessariamente atividade física aparente, mas atividade mental, exercício intelectual. (WEIS e SANCHES, 2001)

Através da Leitura o indivíduo pode vivenciar situações e emoções diferentes da sua realidade; aprendendo com experiências de personagens diversos; conhecendo outros ambientes; dimensões fantásticas ou reais. A Leitura é também, a forma lúdica de se ensinar linguagem, mostrando ao aluno, não através de definições, mas através de exemplo, como é possível traduzir na escrita, o pensamento, o sentimento e as ações humanas, bem como acontecem.

Acreditando que não há como aprender a escrever, senão escrevendo, e, que a leitura é fundamental na aprendizagem da escrita, partiremos da leitura e análise de alguns memoriais, para compreendermos os objetivos e recursos usados pelos autores em suas construções.

TEXTO I

Suas Mãos¹.

Márcia Regina Pires

Sempre me lembro de suas mãos. Elas foram marcantes em minha vida.

Na infância, eu estava sempre subindo em algum lugar. Onde existia um muro, uma árvore ao meu alcance, lá eu estava. A ousadia era movida pela segurança de poder contar com a proteção de suas mãos que ao menor risco, me colocava de volta ao chão. Lembro-me de atravessarmos a rua de mãos dadas. Nesta época, eram freqüentes meus tropeções, mas sempre fui salva pelo puxão de suas mãos que não me deixavam cair. Elas sempre estavam lá, presentes, ora no guidom da bicicleta em que eu aprendia a pedalar, ora na linha da pipa que me ajudavam a empinar, ora no jogo de baralho que insistiam em me ensinar, ora em tantas outras brincadeiras.

Lembro-me do tchau que me acenavam na sua ida para o serviço ou na minha ida para a escola.

Mas, as tuas mãos também não faltaram ao me ensinar a importância do trabalho, e então, me mostraram como preparar a terra, formar o canteiro, semear e colher. Aprendi que só podemos colher o que plantamos e que sem plantio não há colheita. Aos domingos fazíamos juntos os nós que amarravam os molhos de alface para serem vendidos na feira. Lembro-me de suas mãos contando o dinheiro da feira que mal dava para as despesas da semana e você fazia contas e mais contas na esperança do dinheiro ser suficiente.

Ainda posso lembrar e sentir a força de suas mãos no envolvimento de seu abraço. Sinto também a dor de termos nos abraçado tão pouco; somente em datas comemorativas, como no dia dos pais, das crianças ou em dias de aniversário.

Essas imagens de suas mãos me vêm sempre à cabeça como flashes de filmes. São esses momentos e flashes que ainda hoje me ensinam a viver.

Entretanto, de todos esses momentos, o último foi o que me ensinou mais. Aquele em que vi suas mãos pela última vez. Recordo-me de tê-las observado bem, pude notar o quanto eram encardidas,

¹ Universidade de Uberaba. Dialogando com o PIAS. Programa de Ingresso de Avaliação Seriada. Uberaba: Universidade de Uberaba, 2000. P 05.

cheias de cicatrizes e ferimentos que ainda estavam por se curar. Neste momento, pude ver o homem que sempre foi e para mim, sempre será. Mãos de uma vida inteira de luta no trabalho árduo que fere e marca. Mãos que não se intimidaram diante do trabalho sofrido, diante do frio da aurora, diante dos sonhos que não se realizavam nunca. Mãos que sustentavam: mãos tão diferentes: alvas e macias, minhas mãos de estudante.

Confesso papai, que na mediocridade de minha alma humana, por um instante, tive vergonha de suas mãos encardidas; mas o instante pecaminoso foi breve diante de suas mãos cerradas que me disseram tudo, naquele último adeus.

A análise deste texto é interessante, na medida em que a autora mostra passo a passo a construção do sentimento e conhecimento, realizada por ela, no convívio com um educador.

Nesta crônica, a autora através da metonímia *mãos*, mostra a importância da figura paterna em sua vida. Narrando e descrevendo os momentos vividos com seu pai, elabora um mosaico de vivências, que acontece na linha de tempo, de sua infância até a juventude. Todas as vivências narradas, durante o texto, visam fundamentar o último encontro que a autora teve com seu genitor, em que, apenas, através da contextualização da cena, o leitor consegue entender os subentendidos, nela configurados.

A crônica escrita como carta, tem como finalidade expressa, confessar e justificar ao destinatário o comportamento assumido pela autora. Nesse sentido, a escritora conta, passo a passo, como se deu a construção do sentimento e do conhecimento, elaborados no convívio com seu primeiro educador.

Nota-se no segundo parágrafo, a constante inferência da autora sobre momentos vividos na primeira infância, observa-se que remete a momentos de prazer, de alegria e, principalmente, de segurança, propiciados pelo genitor. Evidencia a construção do sentimento.

O terceiro parágrafo, retrata breves intervalos da convivência entre pai e filha, marcados pelo convívio social dos dois.

As expressões “*as suas mãos não faltaram ao me ensinar*”, “*me mostraram*” e “*aprendi*” escritas, no quarto parágrafo, mostram o processo de construção do conhecimento, realizado pela observação da criança sobre as atitudes do pai. A

expressão “fazíamos juntos” ressalta a participação da aprendiz, no processo de aprendizagem. A palavra “esperança”, da última frase desse parágrafo, evidencia a subjetividade do olhar da autora sobre a situação vivida. Tal subjetividade é, ainda mais, fortalecida, nos parágrafos posteriores.

O quinto e o sexto parágrafos retratam processos psíquicos vividos pela autora. A escritora define estes processos “*posso lembrar e sentir*” e “*como flashes de filme*” e analisa suas conseqüências “*dor*” e “*ensinam a viver*”. Nessa perspectiva, a construção do conhecimento das experiências vividas, assume dimensões ainda maiores, uma vez, que imagens trazidas pela lembrança, tornam-se um novo objeto de estudo e análise, que podem ser abordados e ressignificados em qualquer época da vida da aprendiz.

No sétimo parágrafo, a autora ressalta o momento mais significativo da relação com seu genitor. A caracterização das mãos “*encardidas, cheias de cicatrizes e ferimentos que ainda estavam por se curar*” permite estabelecer uma analogia entre o objeto de estudo da cena “*vi suas mãos*” e da vida da figura paterna “*pude ver o homem que sempre foi e, para mim, sempre será*”, através da metonímia “*Mãos de uma vida inteira de luta no trabalho árduo que fere e marca*”, “*do trabalho sofrido*”, “*do frio da aurora*”, “*de sonhos que não se realizavam nunca*”. O objeto em questão, aqui, também é comparado a outro “*Mãos que sustentam mãos tão diferentes: alvas e macias, minhas mãos de estudante*”. A autora compara a vida do pai a sua própria vida, pressupondo uma gratidão, pelo reconhecimento das diferenças e sua causa “*que sustentam*”.

No último parágrafo, a autora confessa sobre os sentimentos sentidos durante a cena do último encontro “*tive vergonha de suas mãos*”, conceitualiza sua atitude “*na mediocridade de minha alma humana*”, mostra o percurso de seus sentimentos, inclusive o momento exato de seu arrependimento “*diante de suas mãos cerradas*” e o motivo de sua reflexão “*que me disseram tudo, naquele último adeus*”, a expressão “*tudo*” remete-nos aos parágrafos anteriores do texto.

A metonímia *mãos*, justifica-se no texto, pela conotação que a metáfora pode trazer; entendendo as mãos como parte do organismo humano que entra em contato imediato com os objetos, ou com a transformação destes. Assim, o texto

faz alusão ao trabalho, a vida, ao exercício constante de busca da cidadania do educador, ressalta a construção do conhecimento pautada na observação, na interação, no raciocínio e no amor, de quem aprende, com quem educa com o exemplo diário de honestidade, trabalho e fé.

A análise do texto mostra que, ao escrever o memorial, a autora dispôs de todo um conjunto de conhecimentos e sentimentos articulados. A medida que foi narrando os acontecimentos, descreveu o percurso de seus sentimentos e aprendizados. A narração foi usada para fundamentar as concepções construídas e proporcionar ao leitor sentir as mesmas sensações vividas pela autora, emocionando-o.

Ao escrever sobre o processo de aprendizagem, a autora estabelece uma relação de causa e consequência, reflexão e ação, tornando claro para si própria e para o leitor, como se efetivou a construção do conhecimento e do sentimento.

TEXTO II

C'est la guerre!

Carlos Heitor Cony

Minhas relações com as Matemáticas nunca foram boas – e exagerei ao falar em Matemáticas, no plural e na maiúscula. Nem mesmo a elementar aritmética privou de muita intimidade com meu impenetrável cérebro. Por todos os chamados bancos escolares que lustrei em minhas andanças, sempre deixei a merecida fama de refratário aos números, às operações, às frações e às regras de três. Não cito os logaritmos porque seria um escárnio de minha parte mencionar tais entidades. Não morri de fome pelas sarjetas – como um certo professor um dia profetizou, mas tenho passado vexames abomináveis e tido irrelevantes prejuízos nos trocos. Nada mais que isso.

Paralela ao meu desamor pelas matemáticas, ou fruto dele, surgiu uma babosa admiração pelas máquinas capazes de fazer aquilo que não sei nem posso fazer. Não admiro um guindaste, nem um trator – sei que são máquinas movidas por cavalos-vapor, e sei o que seja um cavalo e imagino o que seja o cavalo em forma de vapor e energia. Mas diante de uma simples máquina de somar, tremo os joelhos de emoção e respeito. Já não falo dos cérebros eletrônicos, esses monstros capazes de calcular eclipses, marés, trajetórias

planetárias e de jogar xadrez. Não jogo xadrez e pouco ligo para as trajetórias planetárias e para as eclipses. Sei que os cérebros eletrônicos são até capazes de fazer poemas, o que não conta no saco de seus infindáveis méritos: muito cara-de-pau por aí, muito cérebro ruim também é capaz de fazer poemas, e os poemas terminam em antologias e o cérebro na Academia.

Mas voltemos às matemáticas. No outro dia, tive babosa admiração não pela máquina de somar, mas por mim mesmo. Deu-se que fui pagar umas contas, dessas contas pequeninas e complicadas que não desprezam os desprezíveis centavos cujo epitáfio o bardo Drummond magistralmente cantou há dias. A fila do guichê era enorme e para ganhar tempo arrisquei fazer a soma dos meus incontáveis débitos. Chegaria ao guichê com o cheque já preenchido e evitaria a justa animosidade dos que esperam a vez.

Apanhei um papel qualquer, escrevi as parcelas com o máximo de escrúpulo, tomei coragem e iniciei a soma. Obtive um resultado e ia apelar para uma rígida revisão quando a fila andou e tive que andar. Preenchi o cheque e de repente fiquei alarmado: e se a conta estivesse errada? O caixa faria péssimo juízo do meu caráter e os companheiros da fila teriam redobrada razão para me mandarem ao diado no recôndito de seus ódios e pressas.

Eis que o homem do guichê apanhou meus papéis, foi registrando números naquela máquina insignificante, bateu numa tecla achatada e vermelha, puxou a manivela, a máquina fez um rangido, os mecanismos atritaram lá dentro, e surgiu no mostrador um número que, por espantosa coincidência, era o mesmo que eu havia obtido sem teclas, sem manivelas e sem mecanismos outros que não os do meu parco saber.

Sim, minhas pernas tremeram de emoção. Olhei a máquina do homem como um aliado, "aí está uma coisa que reconhece o que valho", e saí para a rua, leve, a alma em festa. Einstein, ao ver confirmada pelo eclipse de 1927 a sua teoria restrita da relatividade, deve Ter sentido o que senti naquele momento.

Euclides, Newton, Descartes – cheguei! Custei mas cheguei! Daqui em diante, surgiu um concorrente sério. Tremei em vossas covas que lá vou eu. Por ora, vou exercitar-me honestamente nas contas de subtração. Depois é guerra!²

O exemplo desse texto é interessante para os educadores, uma vez que mostra todo um processo de preconceito ante a uma disciplina, vivenciado por um educando.

² LUFT, Celso Pedro e CORREA, Maria Helena. *A palavra é sua. Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1994. P 143.

O texto é um memorial, em que o autor, de uma forma coloquial e cômica, numa interlocução contínua com o leitor, retrata o momento em que descobriu sua capacidade de lidar com a matemática.

No primeiro parágrafo, o escritor introduz o assunto descrevendo a frustrada relação que manteve, durante anos, com essa disciplina "*Minhas relações (...) nunca foram boas*", "*sempre deixei a merecida fama de refratários aos números, às operações, às frações e às regras de três*". Ainda neste parágrafo, reflete sobre as conseqüências, geradas por essa relação "*tenho passado vexames abomináveis e tido irrelevante prejuízos nos trocos*". Mostra também, sua resignação e descaso por não tê-la aprendido "*nada mais que isso*".

Conta, no segundo parágrafo, que, consonante ao desamor pela matemática, passou a ter grande admiração e respeito pelas máquinas de calcular. De uma forma hilária, que prende a atenção do leitor, Cony confessa, aos poucos, seu sentimento de receio perante a essa área do conhecimento "*tremo os joelhos de emoção e respeito*" e ainda, para intensificar a importância das calculadoras, estabelece um paralelo entre elas e os computadores - pormenorizando-os "*(...) os cérebros eletrônicos são capazes até de fazer poemas, o que não conta no saco de seus infindáveis méritos: muito cara-de-pau por aí, muito cérebro ruim também é capaz de fazer poemas, e os poemas terminam em antologias e o cérebro na Academia.*" Na verdade, o que o escritor tenta, com essa analogia, é mostrar que a matemática, realmente, é muito difícil, possível apenas, de ser tratada por máquinas altamente sofisticadas, superiores até mesmo, aos computadores. Assim, ele ameniza sua responsabilidade em desenvolver tal habilidade.

No terceiro e quarto parágrafos, o escritor pontua o momento em que descobriu sua capacidade de usar a matemática. Através da narração, esclarece que o uso da matemática partiu de uma necessidade "*A fila do guichê era enorme e para ganhar tempo arrisquei fazer a soma(...)*" e que, precisou, num primeiro momento, de coragem "*tomei coragem e iniciei*". Mostra também, que foi pego de surpresa, uma vez que, depois da soma pronta, iria, ainda, revisá-la, mas não houve tempo "*a fila andou e tive que andar*". Cony além de narrar os

atos, conta-nos o sentimento e o fluxo de pensamento que teve durante a cena *“de repente fiquei alarmado: e se a conta estivesse errada? O caixa faria péssimo juízo do meu caráter e os companheiros da fila teriam redobrada razão para me mandarem ao diado no recôndito de seus ódios e prêssas.”* Faz-nos perceber o percurso de sua reflexão, articulado aos sentimentos e ações desencadeados.

A expressão *“naquela máquina insignificante”*, do quinto parágrafo, mostra que os sentimentos do escritor, em relação a máquina e a sua própria incapacidade de somar, alternam-se; algumas vezes vê a máquina como um aparelho altamente sofisticado, importante, e, outras vezes, como um aparelho insignificante. Por comparar sua competência a esse aparelho, percebemos que a auto-estima do narrador sofre oscilações: aumenta ou diminui, conforme elogia ou critica a máquina.

Ainda no quinto parágrafo, o escritor conta-nos sobre a descoberta de seu acerto. A narração minuciosa dos momentos que antecederam o resultado, evidenciada pelo emprego intenso de verbos *“foi registrando números”, “bateu numa tecla achatada e vermelha”, “puxou a manivela”, “fez um rangido”, “os mecanismos atritaram”* e *“surgiu no mostrador o número”*, retrata a ansiedade vivenciada pelo escritor. A expressão *“espantosa coincidência”* revela sua surpresa em verificar o resultado, e, a expressão *“sem teclas, sem manivelas e sem mecanismos outros”* conota uma certa superioridade, atribuída, por ele, a si mesmo, em relação a máquina de calcular, ressaltando sua conquista.

A expressão *“Sim, minhas pernas tremeram de emoção”* enfatizam a interlocução mantida por Cony, como resposta a uma suposta expectativa do leitor, em acreditar na emoção do escritor. Novamente, o autor mostra todo o percurso de raciocínio derivado de suas ações *“Olhei a máquina do homem como um aliado”*, inclusive o monólogo *“aí está uma coisa que reconhece o que valho”* e o sentimento de dever cumprido, de reconhecimento *“leve, a alma em festa”*. Compara a alegria de seu reconhecimento a satisfação vivenciada por um famoso físico alemão, quando da confirmação de sua teoria.

Na festividade de seus sentimentos, o autor, comicamente, coloca-se no mesmo patamar de grandes filósofos, desafiando-os. Mostra assim, o desejo de continuar estudando, e que, com sua auto estima elevada, ninguém será capaz de superá-lo. De uma forma simples e hilária, Cony mostra o fim de seu preconceito em relação a matemática, e o início de um prazer, que até então, estava adormecido.

Neste texto, observamos do quanto podemos dispor da simplicidade, para escrever um memorial. Como o autor, podemos partir de momentos corriqueiros, porém significativos. Não é necessário usarmos uma linguagem erudita, mas sim clara, que retrate a cena vivida, bem como foi vivenciada e concebida ao nosso olhar. Ao falar de sua experiência, usando uma linguagem quase coloquial o autor manteve sua originalidade, traduziu cadentemente a maneira com que observou, sentiu e raciocinou sobre a experiência vivida. Soube fazer analogias, comparando a experiência do momento, com outras já vividas. Expôs o fluxo de seu pensamento, de forma coerente, mostrando-nos sua evolução, esclarecendo sobre causas e conseqüências, tratadas em suas reflexões.

V - A ESCRITA DO MEMORIAL

Nos textos analisados, observamos que para escrever o memorial se faz necessário estar aberto, deixar nosso sentimento fluir. Entender de fato, que somos um ser inteiro, que todas nossas experiências são revestidas de razão e emoção.

O memorial difere-se do relatório por ser um texto dialético que trabalha com a emoção e a razão do escritor. Ao escrever o memorial, o autor extrapola a narração totalmente objetiva da situação vivenciada, para, a partir dela, abordar as reflexões e sentimentos, por ela, originados. Parte do geral – situação vivenciada – para o específico – sua individualidade, alterna a escrita objetiva com a literária, conferindo, sempre, às experiências narradas um fundo científico de análise, consonante a sua sensibilidade. Esse aspecto dialético do memorial, proporciona ao escritor, a possibilidade de se estar formando, não apenas enquanto profissional, mas sobretudo, enquanto ser humano. Porto ao explicar sobre a ação educativa, citando Babim e Kouloumdjian comenta:

A ação educativa não deve se reduzir unicamente ao racional. Babin e Kouloumdjian (apud Porto, 1996^a) propõem o funcionamento da “escola em estéreo”, que significa utilizar duas pistas, dois tempos no sistema de formação do aluno. Para os autores, as duas pistas significam trabalhar considerando o raciocínio, a cognição, sem deixar de atender aos apelos dos sentidos, das emoções. A afetividade, a imaginação e a análise compreensiva acontecem num entrecruzamento, sem sobreposição de uma sobre a outra. (PORTO, 1996)

O memorial deve ser escrito sempre em 1º pessoa, uma vez que é um texto totalmente pessoal. As situações e conhecimentos tratados, são focalizados pelo olhar do escritor, que, no caso, por abordar suas leituras e experiências, é também o personagem protagonista.

Esse tipo de texto deve partir do momento presente, ou seja, o escritor, primeiro deve narrar o presente, contextualizando o ambiente e o fato que o remeteu a memória. Assim, estabelece uma dinâmica: a linha da narrativa é o

momento presente, embora, constantemente, o autor busque no passado reminiscências que exemplificam ou dão consistência aos seu discurso atual. O autor, também, poderá ilustrar seu texto, com ideais e planos, mostrando sua expectativas diante do futuro, vislumbrando as conseqüências de sua conduta, hoje. Metaforicamente, podemos pensar no memorial como o mar de nossa existência, a âncora está fixada no presente, onde nossos corpos estão atracados. Embora, possamos viajar para o passado ou para o futuro, devemos sempre retornar ao presente, por ser ele, nosso porto.

Para que o memorial seja entendido em sua amplitude, o autor deve proporcionar uma harmonia entre a continuidade dos sentidos do texto, articulada com elementos de estruturação que mantém a adequação, entre os enunciados. Beaugrande e Dressler, ao explicar coesão e coerência, ressaltam:

A coesão refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, das palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência, enquanto a coerência refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração de maneira reciprocamente acessível e relevante. (FAVERO e KOCH, 1985)

E ainda:

(...) a base da coerência é a continuidade de sentidos, em meio ao conhecimento ativado pelas expressões do texto. Enquanto o significado consiste na capacidade potencial de um expressão lingüística de apresentar ou veicular conhecimentos ou conteúdos, o sentido constitui aquilo que é atualmente veiculado pelas expressões que ocorrem num texto, sendo, portanto, atualização seletiva de significados potenciais. (FAVERO e KOCH, 1985)

Propõem:

(...) que se defina o sentido de uma expressão ou o conteúdo de um conceito como um conjunto ordenado de hipóteses sobre a obtenção e ativação de elementos cognitivos dentro de um modelo atualizado. (FAVERO E KOCH, 1985)

Outro fator que deve ser considerado é a intencionalidade do autor ao escrever o texto. Favero e Koch, explicam sobre a noção de intencionalidade concebida por Beaugrand-Dressler:

Em sentido restrito e imediato trata-se da intenção do emissor ao produzir uma manifestação lingüística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre realize integralmente, podendo mesmo ocorrer casos que o emissor aflouxa deliberadamente a coerência com o intuito de produzir efeitos específicos; em sentido amplo, a intencionalidade abrange "todas as maneiras como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções" (FAVERO e KOCH, 1985)

O texto forma um todo completo, os signos dispostos nele, assumem posições propositais para que a intenção do autor seja contemplada. Todas as expressões são escolhidas, minuciosamente, com o intuito de proporcionar ao leitor, progressivamente, o entendimento, que lhe é partilhado, à proporção que o escritor almeja.

Por exemplo, se o autor tem como uma de suas intenções surpreender o leitor, poderá, durante a escrita, omitir fatores, apenas distribuindo pistas que conduza ao levantamento de hipóteses durante o percurso de leitura, revelando tais fatores, apenas no final do texto. Se o autor tem a intenção de emocionar o leitor, poderá discorrer, amplamente, sobre seus sentimentos mais íntimos, numa linguagem emotiva. Se, por outro lado, tem a intenção de convencer, usará uma linguagem mais persuasiva e argumentativa, esclarecendo seu ponto de vista, bem como expondo o fluxo mental de suas reflexões.

Ainda, segundo Beaugrande-Dressler, inerente a noção de intencionalidade coexiste a noção de aceitabilidade, evidenciada por Favero e Koch:

A noção de aceitabilidade diz respeito à atitudes dos receptores na comunicação, ou seja, é preciso que estes aceitem a manifestação lingüística como um texto coesivo e coerente, que tenha para eles alguma utilidade ou relevância, como por exemplo, veicular conhecimentos ou permitir-lhe a cooperação em um plano. Em sentido amplo, inclui a aceitação como

disposição ativa de participar de um discurso e compartilhar um propósito. (FAVERO e KOCH,1985)

O leitor deve estar disponível para aceitar o texto, deve haver uma expectativa inicial, um motivo pelo qual justifique sua leitura. Assim, normalmente, um texto muito específico de engenharia, em que o uso de jargões seja predominante, que exija conhecimentos prévios desta área científica, dificilmente, será atrativo pelo leitor leigo dessa ciência e que não tem como um de seus objetivos aprendê-la.

Pensando no memorial, a aceitação desse tipo de texto é muito mais abrangente, uma vez retrata a experiência das pessoas. O universo de leitores do memorial é bastante amplo, pois seu conteúdo geral trata da humanidade inerente a todos os seres humanos.

Outro fator também importante na construção textual é a informatividade. Este fator trata do grau de dificuldade/facilidade de leitura e interpretação das expressões usadas no texto. Por exemplo, a escrita de um texto explicativo pressupõe recursos didáticos que facilitem a aprendizagem do leitor. A escolha dos materiais lingüísticos apresentados no texto, estará condicionada, inicialmente, ao vocabulário do leitor potencial, partindo desse vocabulário, para apresentar expressões mais complexas.

Na escrita do memorial, não há a necessidade de usar palavras muito eruditas, o importante é elaborar a linguagem de forma clara e coesa, seguindo a norma padrão. Expressões regionais, podem ser usadas, desde que acompanhadas de uma explicação anterior ou posterior, explícitas ou subentendidas no contexto textual. O uso de gírias não é recomendado, a não ser que seja imprescindível ao contemplar a intencionalidade do escritor. Caso seja necessário usá-las, devem ser colocadas entre aspas, podendo ser explicadas em nota de rodapé, no caso do contexto não proporcionar seu entendimento.

A situacionalidade refere-se ao contexto sócio-cultural em que a interlocução está inserida. O contexto situacional é, em grande parte, configurado no texto, na medida da intencionalidade do autor. Como construtor do texto, o

escritor seleciona, ressalta aspectos situacionais, possíveis de serem inferidos, construindo o contexto do discurso.

Por exemplo, num discurso político de um prefeito que queira se reeleger os aspectos do contexto sócio-cultural que o mesmo irá mencionar, possivelmente, serão as obras feitas no ano de seu mandato, os programas de seu governo que tiveram sucesso, o bem estar da comunidade, entretanto, jamais ressaltaria os projetos que não deram certo, a dívida pública adquirida, problemas pertinentes a sua função.

Na escrita do memorial, suponhamos que o escritor tenha a intenção de mostrar ao leitor as dificuldades, por ele, vencidas, na conquista de sua formação profissional. Poderá, remeter-se a sua primeira infância, discorrendo sobre sua formação escolar, descrevendo a casa em que morava, a situação financeira da família, as condições sociais em que nasceu e foi educado. Apresentando fatores condicionantes, mas não determinantes de sua formação.

Segundo Favero e Koch, a respeito da situacionalidade, é importante considerar:

A designação geral de situacionalidade é atribuída aos fatores que tornam um texto adequado a dada situação de ocorrência, atual ou recuperável. Os autores ressaltam que, raramente, os efeitos de um contexto situacional se exercem sem mediação, na medida que nossos desejos, planos e metas são introduzidos em nosso modelo de situação comunicativa atual, de modo que a evidência acessível em dada situação é incorporada ao modelo juntamente com nosso conhecimento e nossas expectativas sobre como o "mundo real" se encontra organizado. Se a função dominante de um texto é a de fornecer um modelo situacional, está se desempenhando o "controle" da situação (monitoring); se, porém, a função dominante é orientar a situação de maneira favorável aos propósitos do emissor, o que está sendo executado é o manejo da situação. O limite entre os dois casos é pouco nítido, mesmo porque geralmente os interlocutores preferem disfarçar a manipulação, tentando dar a intenção de que tudo vai indo de acordo com o desejado, dentro do curso normal dos acontecimentos. (FAVERO e KOCH,1985)

A situacionalidade condicionada pela intencionalidade do autor, muitas vezes, restringe, ou melhor, delimita o contexto sócio-cultural do texto, conferindo

uma abrangência parcial e/ou superficial da realidade abordada. Nesse sentido, é importante o olhar crítico do leitor, compreendendo o contexto do texto, como parte integrante de um contexto ainda maior.

A intertextualidade ocorre quando a compreensão do texto recorre-se ao conhecimento prévio de outro texto. A intertextualidade pode ser de forma ou conteúdo. Usar a intertextualidade no memorial pode enriquecê-lo, pois ela possibilita que o leitor conungue algo com o escritor, estabelecendo-se assim uma relação tênue de cumplicidade.

A cumplicidade entre os interlocutores, também, pode ser criada a partir do recurso de interlocução, utilizado pelo escritor. Esse recurso constitui-se no diálogo, paralelo a narrativa, que o escritor mantém com o leitor. Remete-se ao conhecimento partilhado entre personagem-narrador e leitor. Durante a narrativa, gradativamente, o narrador estreita os laços com o leitor, ora por confessar seus pensamentos mais íntimos, ora por pressupor críticas que o próprio leitor gostaria de lhe fazer, ora por instigar suas reflexões, através de questionamentos.

Um fator extremamente importante é a argumentatividade. Ela deve dar conta da intencionalidade do escritor, conduzindo a interlocução (abrangendo sua significação mais genérica) de forma a orientar o receptor para a conclusão que o autor almeja. Unem-se, nessa perspectiva, uma pragmática e a retórica, integradas a recursos lingüísticos.

No memorial a argumentatividade é amplamente usada, uma vez que o escritor utiliza-se dela para esclarecer o percurso de suas reflexões, ressaltando como surgiram e como foram se transformando.

Ao descrever sua trajetória de vida com um determinado enfoque, o autor apresentará as reflexões feitas por ele, diante das situações vivenciadas. Nessa perspectiva, estará sempre argumentado e contra-argumentando, construindo hipóteses, desconstruindo-as ou aceitando-as como verdade. Buscará argumentos para fundamentar suas decisões, justificando-as e analisando as conseqüências geradas, no contexto em que foram tomadas. Nesse momento, pode-se perceber o quanto a intencionalidade e a situacionalidade são imprescindíveis na construção da argumentatividade. Os argumentos que dão

consistência às atitudes tomadas pelo personagem, estão condicionados ao contexto da cena – situação - articulado com uma intenção – o desejo do mesmo.

O escritor do memorial, enquanto narrador de sua própria história, trabalha, simultaneamente, com duas intenções. A primeira diz respeito a intenção genitora de sua ação, no contexto de sua história, e a segunda trata de sua intenção, enquanto escritor, de esclarecer ao leitor sobre suas reflexões.

Enfim, a escrita do memorial não prevê uma receita pronta e acabada. De acordo com a intencionalidade do escritor é que os recursos vão sendo usados. O ideal é que o escritor conheça e saiba a função de todos estes recursos, para poder utilizá-los, quando necessário. Quanto maior for o conhecimento destes recursos, melhor poderá utilizar de sua criatividade.

VI - A APLICABILIDADE DO MEMORIAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O memorial na educação a distância assume uma importância ainda maior que na educação presencial. O fato do aluno estar, em grande parte do tempo, a distância, impossibilita o professor tutor de estar observando diretamente a evolução de sua aprendizagem, assim, o memorial compreende-se num instrumento fundamental de diagnóstico e avaliação.

O aluno ao retratar sua própria identidade como tema inerente ao estudo e suas descobertas, mostrar-se-á muito mais estimulado em aprender. Ao comentar essa abordagem, Martins explica:

Não se podem alcançar resultados positivos nem obter chances para fazer o estudante progredir, se não forem utilizadas como pontos de partida as próprias representações dos alunos, ou se elas não forem trabalhadas durante o processo de aprendizagem visando as transformações.

E ainda:

Cada representação deve ser ao mesmo tempo progresso e obstáculo, o que constitui a própria trama da construção de um novo conhecimento. (MARTINS e POLAK, 2001)

O aluno estará lidando com sua realidade, trabalhando conteúdos que acha significativos, expondo a construção de suas reflexões, bem como acontecem ao seu olhar, encontrando uma maneira própria para se identificar no e com o mundo. Gozará da liberdade da autoria, da faculdade de criar, imprimindo sua originalidade, encontrando maneiras próprias para convencer e seduzir. O texto apresenta-se aqui, como um desafio, um jogo de sedução e convencimento, que se propõe a conquistar o leitor, gradativamente.

O desafio, a criação, a ludicidade que envolve a escrita, a alegria de quem conta uma história, a sensação de lembrar são fatores que transformam o memorial numa atividade prazerosa, entusiasta, como deve ser o exercício de educar, segundo Gutierrez, citado por Porto:

Educar para gozar a vida. Que significa um processo educativo sustentado pelo gozo, pelo entusiasmo? Significa que todos os seus participantes sentem-se vivos, partilham sua criatividade, geram respostas originais, divertem-se, brincam, têm prazer. O prazer, como confirma a experiência, é um ponto de partida e de chegada, um incentivo para viver e é a chave da própria vida. (PORTO, 2000)

Pela escrita do memorial ser feita a distância, o educando, possivelmente, se sentirá mais livre em expor seus pensamentos e sentimentos e, conseqüentemente, o memorial trará informações muito mais abrangentes e aprofundadas do que um relato oral. Nesse sentido, o tutor não correrá o risco de realizar julgamentos menos precisos, pautados apenas na observação/intuição da relação aluno-tutor, dos encontros presenciais. Cria-se um olhar mais aprofundado sobre a produção do aluno, tão necessário, no ensino-aprendizagem, como ressalta Telma Weiz:

O salto importante que se deu no conhecimento produzido sobre as questões do ensino e da aprendizagem já permite que o professor olhe para aquilo que o aluno produziu, enxergue aí o que ele já sabe e identifique que tipo de informação é necessária para que seu conhecimento avance.

E explica:

(...) A questão é que, no momento em que o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para seguir aprendendo, ele se da conta de que a pura intuição não é mais suficiente para guiar seu trabalho. (WEIS e SANCHES, 2001)

O memorial ameniza a sensação de solidão discente, uma vez que, através dele, o aluno pode expor suas angústias, tristezas, alegrias, frustrações e sucessos. Nele, o educando mantém um linha de raciocínio, refletindo sobre as experiências e sentimentos mantidos durante o curso e sobre o percurso da construção do conhecimento.

De forma crítica e contextualizada, o aluno definirá, sob sua ótica, como se dão as relações vivenciadas no curso. Resgatará os momentos vividos com o tutor

e seus colegas, discorrerá sobre suas expectativas, bem como o confronto destas, com o real, analisando não apenas os temas discutidos, mas, como estes foram apresentados. Terá a oportunidade de analisar o papel do tutor e dos demais integrantes, simultaneamente, a sua alta análise. Nessa perspectiva, acompanhará o desenvolvimento do curso e o quanto tem contribuído para seu desenvolvimento pessoal. Poderá, ainda, discutir sobre os procedimentos pedagógicos adotados, descobrindo, consonante com o tutor e seus colegas, novas maneiras de aprender, estabelecendo-se um meta estudo, construindo, coletivamente, a identidade de seu curso. Penteado, citando Rogers, explica sobre o processo de ensino/aprendizagem de partilha consentida, de colaboração, de solidariedade vivenciado entre aluno-professor:

Trata de considerar o “outro-aluno” como alguém portador de objetivos, posicionamentos, conteúdos e/ou experiências referentes aos temas focalizados, capaz de se comprometer com determinados procedimentos de ensino e não com outros, e de constatar avanços e identificar dificuldades vividas num processo de ensino/aprendizagem partilhado. (PENTEADO, 2000)

O tutor, enquanto leitor assíduo do memorial, estará “frente a frente” às percepções dos alunos, podendo intervir quando estas forem dissonantes à abrangência do assunto tratado. Poderá estar discutindo junto aos alunos, sua prática pedagógica, esclarecendo suas ações, repensando os papéis e as expectativas do grupo. Fomentando o compromisso da equipe, num diálogo democrático e participativo entre os integrantes. Belloni ressalta a importância do processo ensino e aprendizagem centrado no aluno:

Um processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante será então fundamental como princípio orientador de ações de EaD. Isto significa não apenas conhecer o melhor possível suas características socioculturais, seus conhecimentos e experiências, e suas demandas e expectativas, como integrá-las realmente na concepção de metodologias, estratégias e materiais de ensino, de modo a criar através deles as condições de auto aprendizagem. (BELLONI, 2001)

Deverá, também, ser um instigador dos temas abordados, trabalhando as habilidades de leitura e análise, mediando as formas que cada um utilizará para aprender, respeitando o tempo do educando, sem deixar de acreditar em seu potencial.

A escrita do memorial deve ser um processo dinâmico, ou seja, articulado entre o aluno e o professor. Ambos devem trabalhar para a que escrita não cesse ou não detenha-se em argumentos vagos e experiências infundadas, superficiais. A construção do conhecimento pressupõe uma troca, como expõe Francisco Gutierrez e Daniel Prieto, partindo da experiência de Sócrates, ao explicar sobre a relação dialógica:

Relação dialógica – No Gorgias, de Platão, acontece uma discussão entre um sofista e Sócrates. O primeiro nega-se a seguir dialogando porque em todo momento sai perdendo. Sócrates decide ir embora, quando os outros participantes intervêm. Por fim o sofista aceita a continuar, a contragosto, mas vem com essa frase: “Será que tu não podes pensar sem que alguém te responda?” E Sócrates replica: “Por acaso há outra maneira de pensar?”.

Se o pensamento apóia-se numa relação dialógica, na educação a distância é o texto que deveria conseguir isso. (GUTIERREZ e PRIETO,2000)

A interlocução mantida entre tutor e aluno é fundamental para a aprendizagem. A leitura do memorial, pelo professor tutor, é imprescindível para que o aluno se sinta incentivado para continuar escrevendo, apoiando-se nas observações e questionamentos feitos e partindo deles para o direcionamento de novas reflexões. Assim, passa, necessariamente, por um processo de aceitação e refutação, tão importantes, na construção do conhecimento.

Contradições como essa são a própria condição para a aprendizagem, pois colocam o aprendiz em situações de conflito cognitivo: um conflito que vai gerar necessidade de superação de hipóteses inadequadas através de novas teorias explicativas. Nesses momentos a atuação do professor é fundamental, pois a conquista de novos patamares da

compreensão pelo aluno é algo que depende também das propostas didáticas e da intervenção que ele fizer. (WEIS e SANCHES,2001)

O tutor apresenta-se aí, como um leitor instigador do texto do educando. Ele acompanhará todo o processo de aprendizagem, desestabilizando opiniões já elaboradas, questionando, promovendo o processo reflexivo do aluno. Assim, a dialógica promove a dialética do processo racional humano, este último, concebida por Hegel:

(...) como um processo dialético no qual a contradição não é considerada como "ilógica", paradoxal, mas como o verdadeiro motor do pensamento, ao mesmo tempo que é o motor da história, já que a história não é senão o pensamento que se realiza. O pensamento não é mais estático, mas procede por condições superadas, da tese (afirmação) à antítese (negação) e daí à síntese (conciliação). Uma proposição (tese) não existe sem oposição a outra proposição (antítese). A primeira proposição será modificada nesse processo de oposição e surgirá uma nova. A antítese está contida na própria tese que é, por isso, contraditória. A conciliação existente na síntese é provisória na medida em que ela própria se transforma numa nova tese.(GADOTTI,1997)

O educando terá, no texto, além de expor seus pensamentos, sustentar a consistência das palavras empregadas, argumentando sobre o tema abordado, sustentando seu ponto de vista. Suas observações, necessariamente, terão que sair da dimensão individual, do raciocínio idealista, para fundamentar-se no contexto em que se insere, epistemologicamente. O aluno buscará fundamentação nos teóricos, em busca de argumentos de autoridade, que fortaleçam suas proposições. Estará contrastando suas percepções com a de outros autores, articulando-as com sua experiência de vida, num movimento dinâmico de desconstrução e reconstrução de conhecimento. Ao ler os teóricos, o educando, além de aperfeiçoar sua habilidade de leitura, encontrará outros conceitos, outros temas, entrando em contato, com saberes diversos, ampliando seu horizonte cognocível.

Paralela a leitura dos teóricos, coloca-se, como um apoio fundamental ao exercício de reflexão, a interlocução realizada entre o educando e seus colegas de curso. Ao comentar a importância da convivência no processo educativo, Gutierrez explica:

Educar para a convivência. Não se pode educar para conviver, se não educa na cooperação e participação coletiva. A escola atual está organizada para isolar os estudantes, de maneira que não trabalhem entre si, mas apenas com o docente. O âmbito privilegiado da interaprendizagem é o grupo. É neste que se produzem e confrontam idéias na busca de pistas para resolver os conflitos que se estabelecem.(PORTO,2000)

O aluno poderá formar, durante o curso, grupos de estudo que propiciarão a discussão, pensando juntos sobre os problemas apresentados, comungando "olhares" diversos, analisando sob diferentes pontos de vista, desvendando outras leituras.

VII - CONCLUSÃO

Com esse ensaio pudemos concluir que o uso do memorial enquanto metodologia de aprendizagem da Educação a Distância é amplamente útil, uma vez que proporciona ao educando a construção do conhecimento, articulada com sua formação.

O memorial possibilita ao aluno a descoberta da alegria, originada pela satisfação de produzir uma obra literária, fruto de suas descobertas e progressos. Ao assumir sua identidade, narrada, descrita e analisada o aluno revaloriza sua própria existência, entendendo-se como responsável por sua formação, bem como sua atuação no mundo.

A participação da família, de colegas de trabalho, de estudo e do professor como personagens coadjuvantes de sua história, possibilita uma interação maior entre estas pessoas, tornando-as parceiras no trabalho partilhado de construção do conhecimento.

A necessidade de leitura, para a fundamentação do memorial, incentiva o educando a ler mais, desperta seu interesse para outros discursos, incentivando – o para outras manifestações da cultura como a literatura e o teatro. Estimula a criatividade do aluno, fomentando seu interesse em criar, em elaborar com originalidade seu discurso, posicionado-se criticamente diante das leituras e experiências vividas.

A linguagem realizada no discurso verbal ganha fluidez e riqueza expressiva. O aluno desenvolve suas habilidades de leitura e escrita tornando-se um leitor e escritor proficiente.

Uma vez experimentado o prazer e a satisfação de construir seu próprio conhecimento, como autor protagonista dessa construção, o aluno jamais aceitará menos que isso, imprimindo uma exigência maior a sua aprendizagem.

VIII – BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo, Hucitec, 1990
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2ed. Campinas. SP: Autores Associados, 2001.
- BORGES, Teresa Maria Machado. **Ensinando a Ler sem Silabar: Alternativas Metodológicas**. Campinas: Papirus, 1998.
- BRANDÃO, Helena H. N. **O leitor: co-enunciador do texto**. Polifonia. Revista de Letras n1. Cuiabá, Univ. Fed. Mato Grosso, 1994.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília
- CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce e DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2 ed. trad. Magda França Lopes – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. P. 28.
- ECO, Umberto & BONAZZI, Marisa. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo. Summus, 1980.
- FAVERO, L.L.& KOCH, I. G. V. Critérios de Textualidade. In **Veredas 104**. **Revista PUC/SP**. São Paulo, EDUC, 1985:17-34.
- FONTANA, Roseli A Cação. **A Elaboração Conceitual: A Dinâmica das Interloquções na Sala de Aula**. In: A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. p 122.

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 20 ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem gosta de ensinar**. 8 ed. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1997
- GENOUVRIER, Emilé & PEYTARD, Jean. **Linguística e o ensino do Português**. Coimbra, Livraria Almedina, s/d.
- GRANATIC, Branca. **Redação Humor e Criatividade**. São Paulo: Editora Scipione, 1996.
- GUTIERREZ, Francisco & PRIETO, Daniel. Edilberto M. Sena e Carlos Eduardo Cortés (trad.) **A Mediação Pedagógica: Educação à Distância Alternativa**. Campinas. SP: Papyrus.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 2ed. Campinas, Pontes. 1992.
- LUFT, Celso Pedro e CORREA, Maria Helena. **A palavra é sua. Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1994. P 143.
- MARTINS, Onilza Borges e POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. **Educação a Distância na UFPR: novos caminhos e novos rumos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- MATOS, G. e MEGALE, L. **Português 2º Grau**. São Paulo: FTD, 1990;
- NICOLA, José de. **Língua, Literatura & Redação**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

PASCHOALIN, Maria Aparecida e SPADOTO, Neusa Teresinha. **Literatura, Gramática, Redação**. V. 1 e 3. São Paulo: FTD, 1986.

PELEGRINE, Tânia e FERREIRA, Marina. **Português Palavra e Arte**. São Paulo: Atual, 1996.

PORTO, Tânia Maria Esperon, **Educação para a Mídia/ Pedagogia da Comunicação: Caminhos e Desafios**.

RIBEIRO, Ormezinda Maria e BORTONE, Márcia Elizabeth. Letramento e Leiturização. In: **Anais da IX Semana de Seminários da Universidade de Uberaba**. Uberaba: Editora da Universidade de Uberaba, 2001. p. 65 -67.

SMOLKA, Ana Luiza B.; GÓES, Maria Cecília R. de (orgs). **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar: Vigotsky e a Construção do Conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. (Coleção Magistério: Formação Trabalho Pedagógico).

Universidade de Uberaba. **Dialogando com o PIAS. Programa de Ingresso de Avaliação Seriada**. Uberaba: Universidade de Uberaba, 2000.

WEIS, Telma e SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.